

“DIGA-ME QUEM TE ANTECEDE QUE EU DIGO QUEM ÉS”: O PAPEL DO ANTECEDENTE COMO DETERMINANTE DA FUNÇÃO DO RELATIVO

Camilo Rosa Silva¹
Noelma Cristina Ferreira Santos²

Resumo: Este artigo se fundamenta em pressupostos da linguística funcionalista e apresenta como tema central o comportamento dos pronomes relativos no Português Brasileiro. O objetivo básico consiste em analisar ocorrências de orações nas quais os pronomes relativos alternam funções tradicionais e inovadoras na estruturação de enunciados orais. Para tanto, utilizamos amostras do *corpus* Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB). Os dados mostram que ao lado das relativas padrão, acompanhadas das cortadoras e das copiadoras, há um outro tipo de relativa a que denominamos relativa de Tema, seguindo proposta de Bastos (2008), por sua vez, inspirada em Dik (1989). Dessa forma, propomos a denominação de *conector relativo* para os tradicionalmente chamados pronomes relativos presentes neste tipo de ocorrência, considerando que a função do conector relativo é retomar o tema da oração que o antecede e não um termo específico.

Palavras-chave: Pronome relativo. Conector relativo. Relativas de Tema.

Abstract: This article is based on assumptions of functionalist linguistics and has as its central theme the behavior of relative pronouns in Brazilian Portuguese. The basic objective is to analyze occurrences of speech in which relative pronouns alternate traditional and innovative functions in structuring oral statements. Therefore, we use samples from corpus of Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB). The data show that aside the standard relative, accompanied by cutters and copiers, there is another type of relative denominated relative of Theme, following proposal by Bastos (2008), in turn, inspired by Dik (1989). Thus, we propose a denomination of relative connector to the traditionally called relative pronouns present in this type of occurrence, since the function of the relative connector is retake the theme of speech preceding it and not a specific term.

Keywords: Relative pronoun. Relative connector. Relative of Theme.

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda o comportamento dos chamados pronomes relativos em usos de falantes de João Pessoa-PB. O objetivo básico consiste em analisar ocorrências de orações nas quais esses pronomes alternam funções tradicionais e inovadoras na estruturação de enunciados orais. Para tanto, utilizamos amostras do *corpus* Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB³). Entendemos que, com a utilização de dados advindos de situações de fala relativamente espontânea, podemos ter um panorama representativo da realidade linguística local, em especial, aquela constituída em contextos reais de oralidade.

Para alcançarmos os objetivos a que nos propomos, recortamos amostras de fala de dois informantes (doravante WL e RC), ambos com mais de 50 anos de idade, mais de 12 anos de escolaridade e professores aposentados. A justificativa para a seleção desses informantes remete à hipótese inicial de que sujeitos com esse perfil de idade e de escolaridade produziram uma fala mais conservadora no que se refere à estrutura linguística e poderiam se

¹ Professor do programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); líder do Grupo de Investigações Funcionalistas (GIF- CNPq). E-mail: camilorosa@gmail.com

² Professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING). E-mail: professoranoelma@yahoo.com.br

³ O Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB), desenvolvido na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), consta de amostra constituída por 60 informantes, distribuídos por critérios como idade, sexo e grau de escolaridade, com o requisito de que nunca houvessem se aposentado da cidade de João Pessoa por um período superior a 02 anos consecutivos. Cf. Hora e Pedrosa (2001)

colocar como uma fonte produtiva do fenômeno linguístico aqui focado, ou seja, o funcionamento dos pronomes relativos.

Um reforço motivador para realização desta análise se assenta no fato de que há autores, a exemplo de Bagno (2011), defendendo que a classe dos pronomes relativos está em processo de extinção, até mesmo em textos monitorados. Não são raros os trabalhos desenvolvidos sobre esse tema a defenderem que os citados elementos estão reduzidos ao *que* e este está perdendo o estatuto de pronome. Assim, o item se encaminharia para se tornar um nexos, sem papel funcional (CÂMARA JR., 1972; AMARAL, 1977; TARALLO, 1983 apud CASTILHO, 2010), um mero conector entre duas orações, sem propriedade anafórica (BAGNO, 2011), uma conjunção integrante e até mesmo aditiva/temporal/condicional/comparativa (CASTILHO, 2010).

Com a pretensão de contribuir nessa discussão, o presente trabalho está organizado em três seções. Na primeira, fazemos uma revisão teórica dos conceitos de gramaticalização, por entendermos que esses pronomes estão experimentando esse processo; na segunda, abordamos as funções dos pronomes relativos, desde a perspectiva sintática até as perspectivas semântica e pragmática; na terceira seção, realizamos uma análise dos dados coletados, oportunizada para apresentar o funcionamento dos pronomes relativos na produção linguística dos informantes selecionados.

1 DE GRAMATICAL PARA MAIS GRAMATICAL

Embora o termo *gramaticalização* seja usado para referir sentidos diversos, vários são os autores e muitos são os estudos que o utilizam para designar um fenômeno de mudança linguística caracterizado pela identificação de princípios e mecanismos sistemáticos, uns mais específicos, outros mais gerais. Para Traugott (2014, p.98), por exemplo, gramaticalização refere-se ao desenvolvimento de expressões processuais, tais como “tempo, aspecto, modalidade, caso, pronomes pessoais, complementizadores e outros conectivos”. Segundo a autora, essas expressões possuem significados abstratos e sinalizam relações linguísticas, perspectivas e orientação dêitica. No seu ponto de vista, qualquer aspecto sistemático da estrutura da linguagem é parte da gramática. Isso leva a autora a incluir no estudo da gramaticalização os recursos pragmáticos, a exemplo dos marcadores das cláusulas de comentário (por exemplo, *eu acho*) e *tag questions* (por exemplo, *né?*).

Castilho (2010) compreende gramaticalização como o processo no qual as categorias cognitivas (pessoa, tempo, espaço, qualidade) são representadas linguisticamente e podem ser alteradas ao longo do tempo, ou seja, podem ganhar novas propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas e semânticas; uma forma livre pode transformar-se em uma forma presa; e as formas existentes em determinadas épocas podem até mesmo desaparecer.

Na visão de Martelotta (2010, p.144-9), a gramática deve ser concebida como fenômeno social, o que implica uma estrutura e uma regularidade advindas do discurso e moldadas por um processo contínuo. Assim, o autor apresenta o processo de mudança a partir da gramaticalização, referindo-se à noção de “*fluxo básico de mudanças motivado pelo uso*”. Segundo o autor, a mudança na língua ocorre cumprindo os seguintes passos:

1. O item é usado com alta frequência em um determinado contexto (forma não marcada e, tornando-se altamente previsível nesse contexto, passa a apresentar baixo nível de informatividade).
2. Com isso, o item tende a perder em complexidade estrutural, o que implica fusão de formas e erosão.
3. Por outro lado, seu uso passa a requerer menor esforço em termos de atenção demandada e tempo de processamento (forma não

marcada). Isso leva ao desgaste semântico dos itens e o sentido das construções como um todo tende a se afastar, cada vez mais, do sentido consequente da soma dos significados das unidades que apresenta.

4. O item desenvolve sentidos menos representacionais, passando a funcionar no nível interpessoal.

5. Os usuários buscam novas formas para expressar a ideia indicada pelo item que cumpre o processo de mudança, concretizando o fenômeno de renovação (HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Essas novas formas tendem a ser provenientes de elementos da mesma natureza e cumprem as mesmas trajetórias de mudança dos itens ou expressões que substituem.

Não é difícil situar o processo de mudança pelo qual estão passando os pronomes relativos, nesse trajeto delineado por Martelotta (2010). De fato, esses pronomes e, mais especificamente, o **que** (o item), estão sendo usados em contextos de oralidade e com baixo nível de informatividade; estão alterando o sentido das construções que introduzem, no caso as orações adjetivas, e estão sendo substituídos por outras formas quando precisam expressar a ideia tradicionalmente introduzida por eles. Além disso, formas estrutural e cognitivamente mais densas estão caindo em desuso (a exemplo do pronome *cujó*).

Bybee (2002) lembra que apenas os prescritivistas lamentam a perda das formas gramaticais. A autora enfatiza que a criação de novos morfemas e estruturas gramaticais é tão comum quanto o desuso e o desaparecimento de formas antigas. Nesse sentido, afirma: “a Gramática não é um sistema estático, fechado ou auto-suficiente, mas é altamente suscetível a mudanças e altamente afetada pelo uso da linguagem” (BYBEE, 2002, p. 181)

É importante ressaltarmos a relevância que tem a frequência de uso como propulsora da mudança linguística, visto que, como é consensualmente percebido por diversos pesquisadores, inclusive por esses já citados aqui, a recorrência pode tornar fixo e rotineiro o uso, influenciando diretamente na estabilidade responsável pela conclusão do processo que gramaticaliza itens ou construções.

Como evidenciaremos na análise, o pronome relativo está assumindo um papel de organizador da fala, muitas vezes por conta da perda de linearidade. Sabemos que na fala espontânea, ou relativamente espontânea, como é o caso das entrevistas sociolinguísticas, o falante estrutura o discurso no contexto instantâneo da enunciação; não há, portanto, um tempo anterior para elaboração. Dessa forma, em alguns momentos sente-se a necessidade de retomar o tema para continuar a tratar sobre ele. Nessa função, os pronomes ora estudados mostram-se produtivos.

2 AS FUNÇÕES SINTÁTICAS E SEMÂNTICO-PRAGMÁTICAS DOS PRONOMES RELATIVOS

Nesta seção, dedicamo-nos a contextualizar os estudos que tratam das funções dos pronomes relativos, destacando, em especial, um novo olhar sobre essa classe. Inicialmente, faremos uma breve explanação a respeito das orações adjetivas, uma vez que elas são o contexto imediato em que esses pronomes atuam.

2.1 As orações adjetivas: contextualizando os pronomes relativos

De acordo com a abordagem tradicional, as orações adjetivas têm função sintática e semântica equivalentes às do adjetivo e são introduzidas por pronomes relativos, que recuperam, sintática e semanticamente, seu antecedente.

Numa perspectiva funcionalista, Castilho (2010, p.366) afirma que “as adjetivas ou relativas são sentenças encaixadas num sintagma nominal, em que atuam como Complementadoras” e elas “podem encaixar-se em qualquer expressão-núcleo desse sintagma, aí incluída a categoria vazia [...]”. Para a classificação das orações adjetivas, o autor as separa pelos critérios sintático e semântico. Usando o critério **semântico**, classifica as orações em quatro tipos: a) *restritivas* ou *determinativas*; b) *explicativas* ou *apositivas*; c) *restritivas finais* e d) *restritivas causais*.

Para a tipologia das orações adjetivas do ponto de vista **sintático**, Lemle (1978 apud CASTILHO, 2010, p.367) considera as estratégias de relativização do português brasileiro e as classifica em: a) *sentença adjetiva padrão*, em que “[...] os pronomes relativos exibem as formas correspondentes ao caso que recebem de seu verbo”, é o que impõe a gramática tradicional, como em “O livro de história **cuja capa está rasgada** merece ser encadernado”; b) *sentença adjetiva copiadora*, na qual se acrescenta um pronome pessoal preposicionado para exercer a função fórica que cabia ao pronome relativo, como em: “O livro de história **que a capa dele está rasgada...**” c) *sentença adjetiva cortadora*, nas quais há o apagamento dos pronomes pessoais que tinham a função fórica, como em: “O livro **que a capa está rasgada** merece ser encadernado”.

Como vemos, através dessa classificação, Castilho (2010) procura descrever as formas como as orações adjetivas ocorrem no português brasileiro, sem apontar como certa ou adequada apenas a adjetiva padrão, a única dessas ocorrências considerada suficientemente formal para a norma culta da língua. Interessante é observar que o autor faz referência a Lemle, com obra datada de 1978, significando dizer que, já nessa época, as estratégias de relativização no PB levavam os autores a classificarem as orações adjetivas nesses três tipos (padrão, copiadora e cortadora), embora persista até hoje a rejeição da gramática normativa a esses usos inovadores.

Cabe salientar que as ocorrências dos pronomes relativos, no português brasileiro atual, nos revelam, ainda, uma quarta categoria, qual seja, a dos relativos que não se enquadram na estratégia padrão nem nas estratégias não-padrão conforme apresentadas por Castilho (2010).

Pressionados pelas especificidades ativadas nos usos, fomos conduzidos, na presente análise, a ampliar para além da sintaxe a interpretação funcional dos dados. Desse modo, recorreremos ao discurso, com um olhar inquieto de quem admite que apenas o aspecto sintático não seria suficiente para apreender as funções que os pronomes relativos estão assumindo na atualidade.

2.2 Os pronomes relativos no contexto gramatical

Bechara (2010, p.139) conceitua o pronome relativo a partir da sua função principal: a de retomar um termo antecedente. Além dessa função principal, o autor acrescenta que o relativo também funciona como transpositor de “oração originariamente independente a adjetivo” e passa a exercer a mesma função sintática do seu antecedente. Contudo, Bechara (2010, p.140) também considera que os pronomes relativos podem aparecer nas orações sem referência a antecedentes, como em “Quem tudo quer tudo perde”. Nesse caso, eles são chamados de *relativos indefinidos* e são interpretados como se houvesse um antecedente adaptável ao contexto, por exemplo, “A pessoa que tudo quer tudo perde”.

Quanto aos relativos marcados por preposição, Bechara (2010, p.344) esclarece que a função por eles assumida na oração é de complemento relativo. Por exemplo, na oração “o livro *de que* *gostas* está esgotado”, *de que* equivale a *do livro*, que funciona como complemento relativo do verbo *gostar*; portanto, o relativo também terá a função de complemento relativo e deve sempre ser antecedido pela preposição, como essa função exige.

Curiosamente, em nenhum momento da abordagem dos pronomes relativos, Bechara (2010) menciona a tendência ao desuso do *cujo* no português brasileiro; ao contrário, ele reforça as construções nas quais cabe o *cujo*, conservando a noção de *que*, necessariamente, precisamos utilizar esse pronome relativo para traduzir ideia de posse. Da mesma forma, na explicação acerca do *onde*, o autor defende que se deve evitar o uso desse pronome no lugar de *que* e *qual*, afirmando que a lição para usar *onde* e *aonde*, com sentido de repouso e movimento “[...] **tende a ser cada vez mais respeitada na língua escrita contemporânea**, embora não sejam poucos os exemplos em contrário, entre escritores brasileiros e portugueses.” (BECHARA, 2010, p.170, grifo nosso).

Ainda com preocupação normativa, o gramático rotula como “imprópria” a repetição pronominal da função sintática desempenhada pelo relativo, como em: “Este é o livro *que* eu o li (por: *que eu li*)”. Segundo ele, essa construção “não pertence à boa norma da língua [...]” (BECHARA, 2010, p.168).

Neves (2000, p.365-6) também afirma que os pronomes relativos introduzem orações adjetivas; exercem nessa oração a mesma função sintática do constituinte que representam, quando ocorrem com um antecedente e desempenham a função fórica; podem ocorrer sem antecedente, nesse caso, correspondendo a um sintagma nominal (SN), como no exemplo: “Quem dá aos pobres empresta a Deus,” em que *quem* corresponde a *aquele que*. Quanto às funções, a autora esclarece que os pronomes relativos podem ser nucleares ou periféricos, ou seja, podem ser núcleos de sintagmas nominais, os pronomes substantivos, ou podem acompanhar um nome, exercendo a função de determinante, sendo, portanto, pronomes adjetivos.

Analisando essas abordagens, chama-nos a atenção a importância do antecedente na determinação das funções dos pronomes relativos. Essa constatação se torna ainda mais evidente quando ampliamos o contexto de análise para situações comunicativas reais que, naturalmente, exigem uma análise mais voltada para o discurso, o que inclui, além de aspectos sintáticos, também aspectos semânticos e pragmáticos. É disso que trataremos na próxima seção.

2.3 O papel do antecedente como determinante da função do relativo

O conceito tradicional de pronome relativo ressalta sua função fórica na sentença, ou seja, para assumir esse *status* ele precisa recuperar um termo que lhe antecede e, na medida em que isso ocorre, automaticamente, assumir a função do termo por ele recuperado dentro da oração relativa. É a partir desse raciocínio que se defende, na estratégia padrão, que os pronomes relativos podem ser sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento relativo, adjunto adverbial, adjunto adnominal.

No caso das sentenças que se enquadram nas estratégias não-padrão, percebemos que os pronomes relativos já não podem assumir as mesmas funções dos seus antecedentes, pois elas são exercidas por outro elemento anafórico, pela elipse ou simplesmente porque retomam o Tema da oração e não um termo em si. Bastos (2008) denomina esse tipo de oração de “relativa de Tema” para diferenciá-la da relativa padrão. Na primeira, a relação entre o antecedente e a oração é sintática, na segunda é semântica e, principalmente, pragmática. Bastos (2008, p.126) elenca algumas especificidades que distinguem um e outro tipo:

na estratégia padrão o pronome relativo marca fronteiras de orações, retoma o referente do SN e explicita morfologicamente como é a participação desse mesmo referente na predicação à direita [...]. Nas estratégias não-padrão [...] o antecedente torna-se sintaticamente muito mais independente em relação à oração relativa, tanto é assim que se ele desempenha função sintática dentro da predicação, essa não é dada antecipadamente, mas por meio de algum elemento anafórico (anáfora nominal, pronominal ou elipse), na devida posição sintática da predicação. Essa configuração respeita mais a ordem preferida da língua ou a ordem menos marcada em orações absolutas, declarativas e afirmativas.

Quando o uso do pronome vai de encontro à prescrição tradicional, deixando de assumir essa função fórica, ele passa a ser analisado, por alguns autores, não mais como pronome relativo, mas como conjunção, cujo papel é fazer a conexão entre as orações. Tarallo (1983 apud BASTOS, 2008) defende que, nessa situação, o pronome relativo passa a funcionar como conjuntor, assumindo a função de conjunção integrante.

Bastos (2008, p.129) reforça que embora o **que** esteja reduzido a uma função relacional, ele não perdeu sua “propriedade anafórica, uma vez que carrega o referente do antecedente para a oração seguinte. Carregando o referente ‘para a frente’, o morfema passa a fazer as vezes do próprio SN, isto é, sua interpretação fica totalmente dependente deste”.

É possível observar que esse raciocínio de Bastos (2008) ressalta certo movimento na sentença quando sua construção se dá a partir de orações relativas. Essa é uma observação pertinente, pois promove uma perspectiva de análise voltada para o papel discursivo desses relativos. Nessa direção, o autor complementa que

Diferentemente do pronome relativo das construções-padrão, que articula funções sintática e semântica (que o antecedente desempenha na oração matriz) com funções sintática e semântica (que o referente do antecedente vai desempenhar na oração relativa), o pronome relativo das orações não-padrão articula função sintática e semântica (que o antecedente desempenha na oração matriz) com função pragmática (Tema) que seu referente desempenha com relação à oração relativa. Assim, o “que” continuaria anafórico e antecipatório (catafórico), na medida em que retoma o antecedente e indica a função pragmática desse antecedente para a predicação que segue; ele projeta um SN de uma oração em outra e faz uma espécie de comutação de níveis linguísticos: do nível gramatical para o nível discursivo. (BASTOS, 2008, p.130).

O conceito de Tema utilizado neste trabalho fundamenta-se na teoria de Dik (1989 apud BASTOS, 2008). Tema, nessa perspectiva, é “um conjunto de entidade com relação ao qual a oração seguinte apresenta alguma informação relevante. [...] Assim, o constituinte Tema orienta a respeito dos tópicos do discurso, em termos dos quais o conteúdo da oração seguinte deve ser interpretado.” (BASTOS, 2008, p. 101). Uma das características mais proeminentes do Tema é que ele se posiciona fora da estrutura da sentença.

Numa situação comunicativa específica como a entrevista sociolinguística, fonte dos dados adiante analisados, isso se torna ainda mais evidente, já que, muitas vezes, o tema é introduzido na pergunta do entrevistador e o informante desenvolve sua fala encadeando as orações a partir desse tema. É o que tentaremos evidenciar na próxima seção.

3 OS PRONOMES RELATIVOS NA FALA PESSOENSE

Como já explicitado na introdução deste trabalho, os dados analisados foram extraídos das falas de dois informantes do projeto VALPB. Para a organização da análise, categorizamos os dados a partir da classificação das sentenças em i) relativas padrão e ii) não-padrão. Nessa última, a partir do funcionamento dos pronomes relativos, classificamos as

sentenças em relativas copiadora, cortadora e de Tema. Na categoria que ora denominamos de “sentenças relativas de Tema”, alojamos as ocorrências dos pronomes que não obedecem aos critérios da sentença adjetiva padrão, mas também não se enquadram nas estratégias cortadora ou copiadora.

3.1 O funcionamento dos pronomes relativos

3.1.1 As funções dos pronomes relativos na estrutura da relativa padrão

As sentenças que expomos nesta seção se enquadram no formato padrão, defendido pelas gramáticas normativas, e ocorrem nas falas dos dois informantes:

- (1) os meus filhos estudavam aqui [a] colégio das Neves, no Pio Doze, no Sagrado Coração de Jesus, **que** antigamente era aqui. (RC)
- (2) É uma coisa muito interessante a pessoa **que** tem a sua escolaridade. (WL)
- (3) E: a minha tia, essa criatura, **que** você tá vendo aí, já com oitenta e poucos anos. (RC)
- (4) Acho que foi uma alucinação **que** eu tive. (WL)

Os dados de (1) a (4) representam a maioria das ocorrências dos pronomes relativos, pois estão funcionando como sujeito: (1) e (2); e como objeto direto: (3) e (4). Esses dados confirmaram a nossa hipótese de que o uso da relativização padrão é comum com os pronomes nessas duas funções, uma vez que a ordem canônica das sentenças não é alterada e, por não solicitar o uso da preposição, reduz-se a complexidade estrutural no momento da sua elaboração, o que influencia a produtividade desse uso.

Ainda seguindo a padronização das sentenças relativas, encontramos os seguintes exemplos:

- (5) [...] era ali ali em Jaguaribe, **onde** tem um posto Nossa Senhora da Penha. (WL)
- (6) Bom, meu marido que é uma criatura muito pacata: **com quem** eu convivo já há quarenta e nove anos e meio... (RC)
- (7) Olhe, eu vou dizer uma coisa: eu toda sexta-feira, **quando** eu saía do colégio, eu saía pra brincar por aí... (WL)

Segundo a visão da gramática normativa tradicional, esses pronomes assumem as seguintes funções: o *onde* deve ser usado apenas em referência espacial, nesse caso, assume a função de adjunto adverbial de lugar (5); o *quem* deve fazer referência à pessoa e, acompanhado da preposição, pode funcionar como complemento relativo (6) ou objeto indireto; e o *quando* traz uma referência de temporalidade, funcionando como adjunto adverbial de tempo (7).

Do ponto de vista da gramaticalização, de acordo com a sequência sugerida por Martelotta (2010), e reproduzida na seção 1, observamos que os pronomes analisados encontram-se no estágio 1, ou seja, eles se apresentam em sua função original, como itens gramaticais, com funções pré-determinadas, usos previsíveis e completamente dependentes do contexto em que aparecem. Vale destacar, porém, que mesmo sendo itens gramaticais, é possível reconhecer neles um caráter lexical, no momento em que as funções exercidas por itens lexicais lhes são correferencialmente transferidas nas sentenças relativas.

3.1.2 As funções dos pronomes relativos na estrutura da relativa não padrão

Para efeito de distribuição organizacional, separamos as sentenças nas quais encontramos o conector relativo em dois blocos, sendo: grupo i) das sentenças relativas copadoras e cortadoras; e grupo ii) das sentenças relativas de Tema. Reconhecemos que o primeiro grupo também apresenta características que poderiam fazer-nos tomá-las como relativas de Temas. Desse modo, poderíamos defender a existência de uma relativa de Tema em sentido amplo e outra em sentido restrito, mas, para não inflacionar a análise com excesso de nomenclatura, identificaremos como relativas de Tema as sentenças em que o pronome relativo liga as orações e retoma o Tema de alguma oração anterior e não apenas um termo que o antecede.

i) O conector relativo nas sentenças relativas copadora e cortadora

Enquadram-se nessa categoria as sentenças ligadas através de um pronome relativo cujo antecedente é retomado por algum termo na oração relativa.

- (8) Durante o tempo de as pessoas **que** a gente trabalhou com elas teriam tantas que é:: que é pra ajudar... (RC)
 (9) Foi as três pessoas que **que** [ain] hoje ainda tenho memórias **deles**. (WL)

Em (8), o pronome **que** retoma o SN “as pessoas” e parece não assumir função sintática, já que encontramos logo em seguida um pronome cópia, acompanhado de uma preposição, para retomar esse SN. Da mesma forma, em (9), o **que** retoma um SN, “três pessoas”, e também não assume função sintática dentro da sentença, pois o SN é recuperado pelo pronome juntamente com a preposição (“deles”). Observamos que há uma concordância ideológica nessa sentença, desprezando a dualidade de gênero, uma vez que “deles” retoma “três pessoas”. Isso se justifica porque esse SN faz referência ao pai, à esposa e ao irmão do informante, o que ficaria claro em se considerando o contexto mais amplo.

Em ambos os casos, o pronome conserva o caráter anafórico e, no nível discursivo, torna os SNs “as pessoas” e “três pessoas” os temas das orações “a gente trabalhou com elas” e “hoje ainda tenho memória deles”. Isso se confirma até mesmo pela presença dos pronomes cópias, pois, consideradas as sentenças isoladamente, não seria possível recuperar o referente de “com elas” e “deles”; assim, a retomada só é possível pela ligação ao SN através do **que**.

Vejamos um outro grupo de orações, cujo comportamento se diferencia do verificado nos dados anteriormente analisados:

- (10) [...] durante o tempo **que** é morador do bairro... (RC)
 (11) Eu gostava de Português, né? E e outras matérias **que** a gente simpatizava. (WL)
 (12) E português por ser a nossa o nosso idioma e **que** a gente sempre prima. (RC)
 (13) [...] aquelas pessoas **que** eu tinha afinidade... (WL)

A principal característica que diferencia as sentenças de (10) a (13) das anteriormente apresentadas é a ausência do pronome cópia na retomada de um SN da primeira oração. Nesse caso, tudo faz parecer que a responsabilidade informacional do pronome relativo é ampliada, porque a retomada é semântica e não sintática.

Seguindo o mesmo raciocínio da análise das relativas copadoras, observamos que, embora a função sintática do **que** seja ligar as orações, ele tem um papel semântico fundamental que é introduzir o tema da oração relativa e não resta dúvida de que essa introdução se faz pela retomada do termo anterior. Nesse sentido, não podemos deixar de considerar o **que** com funcionamento anafórico, portanto, como pronome relativo.⁴

Pensando no processo de gramaticalização dos pronomes relativos, percebemos que, nesse estágio, os pronomes perderam o estatuto gramatical a eles atribuído na estratégia padrão, ou seja, já não exercem a mesma função sintática que seus antecedentes, pois outro item assume esse papel. Contudo, eles passam a ativar, além da função coesiva, ligando duas orações, uma função pragmática responsável por recuperar o tema da oração principal, atualizando-o na oração relativa. Essa organização permite que se mantenha uma linearidade entre as orações conectadas pelo relativo.

ii) O conector relativo na sentença relativa de Tema

Alguns autores já fizeram referência em seus trabalhos à situação de despronominalização do **que**, argumentando que, nesses contextos, esse pronome não retoma um antecedente, como prevê a estratégia padrão, nem se enquadra na categoria das estratégias copadora e cortadora. Ele estaria funcionando como conjunção ou como “mero” conector. Conforme já pontuamos anteriormente, divergimos dessa qualificação de “mero” conector ou conector destituído de função, por entendermos que para todos os fenômenos linguísticos há uma motivação funcional, que pode ser identificada ao se contemplar, na análise, aspectos semântico-pragmáticos.

Situados nessa perspectiva de análise, que considera as interferências discursivo-pragmáticas como ativadoras do funcionamento dos elementos linguísticos, apresentamos dados em que se evidenciam as sentenças ligadas por conectores relativos, os quais fogem aos padrões gramaticais prescritivistas e também não se enquadram nas estratégias não-padrão já descritas em estudos mais recentes. Vejamos:

(14) Então era um ensino de primeira qualidade. Quando o professor tinha amor pelo que fazia **que** não:: não ensinava [vi] visando somente o dinheiro. (RC).

Se, numa estrutura padrão, é possível recuperar o antecedente do pronome relativo apenas por sua posição no sintagma, numa ocorrência como (14), devemos recorrer ao contexto que antecede o período em análise para compreendermos como se dá essa relação. Esse período faz parte de uma resposta mais extensa cujo tema foi introduzido já na pergunta do entrevistador. Assim, temos:

(14a) E* Hum. Hum. Como era o ensino, na época que a senhora.. de ginásio, que a senhora fazia ginásio?

I* A minha época de ginásio:: era um ensino, que podia se chamar de ensino. Eu estudei no Liceu Paraibano. Naquela época os melhores professores renomados da Paraíba. Então era um ensino de primeira qualidade. Quando o professor tinha amor pelo que fazia **que** não:: não ensinava [vi] visando

⁴ Nos recortes acima, observamos ausência de alguns termos, se pensarmos em posturas prescritivistas: da preposição “em”, em (11), dos complementos do verbo “simpatizar”, do verbo “primar” e do nome “afinidade”, em (12), (13), (14), respectivamente. Esse dado é relevante se considerarmos que se trata de falantes com formação acadêmica de nível superior.

somente o dinheiro. Então, foi um um um estudo de primeira qualidade, eu posso [ca] classificar.

Embora nesse excerto encontremos outras ocorrências de pronomes relativos, inclusive na fala do entrevistador, nossa análise se restringe a esse **que**, aparentemente, sem função de relativo. Analisando-o inserido em seu contexto maior, reivindicamos para o **que** o mesmo papel do **quando** da oração anterior: ambos estão retomando o tema “na minha época de ginásio”, que está topicalizado no início do turno da informante, podendo ser parafraseado como:

- (14b) Então era um ensino de primeira qualidade, **uma época em que** o professor tinha amor pelo que fazia, **uma época em que** o professor não ensinava visando apenas o dinheiro.

Nos usos em que aparece a forma considerada padrão, a relação construída pelo pronome relativo é mais facilmente identificável posto que a recuperação do antecedente se dá de modo correferencial. Entretanto, como é sabido, a fala espontânea – consideramos que nesse gênero há relativa espontaneidade – raras vezes obedece à prescrição. Por outro lado, a articulação de estruturas padrão, provavelmente, demanda maior esforço cognitivo por parte do falante, especialmente, porque requisita um monitoramento mais ostensivo. Provavelmente essa seja a motivação para a presença de formas não-canônicas produtivas em contextos mais ou menos distensos, em se tratando de falantes de nível de escolaridade elevado, como são os informantes da amostra em análise.

De fato, do ponto de vista discursivo, o referido conector reorganiza a fala da informante, que, ao escolhê-lo, tanto parece evitar repetições como também ter consciência de que seu ouvinte é capaz de recuperar o tema por ele mesmo introduzido na pergunta.

Vejamus outra ocorrência:

- (15) [...] meu pai deu uma educação a gente dentro da época dentro das posses, a coisa mara maravilhosa, **que** eu tenho certeza que fosse hoje jamais jamais eu conseguiria (WL)

Um primeiro contato com esse dado nos faria interpretar o trecho “que eu tenho certeza que fosse hoje jamais jamais eu conseguiria” como não fazendo parte do período anterior e o **que** introdutório como um conector dessemantizado; porém, uma análise mais cuidadosa nos leva a concluir que esse **que**, ao mesmo tempo, retoma o tema da oração anterior e o projeta para a oração seguinte. Corroboramos, assim, o entendimento de Bastos (2008), quando afirma que, do ponto de vista pragmático, a oração relativa permite a fixação de uma entidade e orienta pelo menos parte do discurso subsequente.

Nessa perspectiva, o conector assume o papel de organizador do discurso, marcando uma pausa entre a primeira informação do período e a avaliação que o falante faz da informação dada. Na versão original do período, o pronome relativo se distancia da oração que introduz devido a outro período intercalado, através do qual o falante enfatiza sua opinião, “eu tenho certeza que fosse hoje”. Além do distanciamento, há uma elipse de um verbo que complementaria a segunda oração e teria como objeto o antecedente do pronome **que**.

Reorganizando estruturalmente o período para uma análise a partir da estratégia padrão, teríamos:

- (15a) meu pai deu uma educação a gente dentro da época dentro das posses, uma coisa maravilhosa, **que** jamais eu conseguiria **fazer**.

Essa análise nos estimula a defender a necessidade de se considerar o contexto em que se encontra o pronome relativo para, de fato, propor uma classificação adequada ao seu papel funcional. Isso também pode ocorrer com outros pronomes diferentes do **que**. Senão, vejamos:

- (16) Bem, aí foi a minha primeira experiência **aonde** eu conheci muitas pessoas de mesmo aqui de João Pessoa. (WL).

Numa leitura apressada desse dado, a tendência seria considerar que o pronome **aonde** estaria retomando o SN “primeira experiência”, o que já eliminaria a possibilidade de considerá-lo representativo do uso padrão. Contudo, se voltarmos mais um pouco na fala do informante, veremos que o **aonde** está recuperando o locativo “aí”, que, por sua vez, está se referindo ao colégio Enéas Carvalho, “lugar” onde o informante havia trabalhado por dez anos:

- (16a) I* Mas eu digo honestamente, o colégio que eu mais adorei, passei dez anos, foi o Enéas Carvalho, o antigo Santa Rita.
E* Por quê?
I* Bem, aí foi a minha primeira experiência **aonde** eu conheci muitas pessoas de mesmo aqui de João Pessoa. (WL).

Nesse caso, o padrão exigiria o pronome **onde**, por não haver indicativo de mobilidade pelo verbo, “eu conheci muitas pessoas **no colégio**”, mas, de qualquer modo, é um conector que se usa para fazer referência a lugar, o que o aproxima mais do sentido de pronome relativo. Essa ocorrência condiz com a noção de que o Tema está fora da sentença (DIK, 1989 apud BASTOS, 2008) e, como já defendemos nos exemplos anteriores, o *conector relativo* liga sintaticamente as orações e pragmaticamente recupera o tema da oração sobre a qual vai se desenvolver o enunciado.

Essa constatação reforça que o conector relativo perdeu seu estatuto gramatical inicial, mas assumiu uma função reorganizadora do discurso. Desse modo, poderíamos advogar que há um deslocamento na trajetória dos itens linguísticos aqui analisados, mobilizando-os no processo de gramaticalização que vai do exercício de uma função mais relacional entre termos expressamente contíguos na linearidade da fala, até a ativação de funções que parecem menos sintáticas e mais discursivas, uma vez que fazem a conexão entre o conteúdo temático e não entre elementos estruturalmente marcados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta inicial deste trabalho era analisar, na perspectiva sintática, as ocorrências dos pronomes relativos em dados de oralidade. Porém, assim como na análise da maioria dos fenômenos linguísticos, percebemos que, ao considerar apenas as funções sintáticas, nos limitaríamos a descrever as ocorrências que já estão bem consolidadas nos estudos linguísticos, tanto as estratégias padrão quanto a estratégia copiadora e a cortadora.

Ao emprendermos a análise, nos deparamos com um tipo de ocorrência que não se enquadrava nessa classificação. Por isso, propusemos a denominação de *conector relativo* para esse caso, já que, aparentemente, a função sintática é apenas de ligar as orações, mas a função pragmática é deslocar o tema da oração anterior para a oração relativa de tal forma que a referência no texto posteriormente apresentado seja recuperada. Isso significa que o

conector relativo retoma a oração que o antecede, mais especificamente, o tema da oração. Vale salientar que essa função é mais um subtipo de estratégia não-padrão e mostrou-se recorrente entre os dados analisados.

Assim, podemos observar que há muito o que se investigar sobre esse tema. Por um lado, encontramos argumentos para refutar as afirmações de que os pronomes relativos estão em extinção e de que a tendência é o completo desaparecimento. Por outro lado, reconhecemos que, pelo menos nos dados deste *corpus*, há um número muito maior de ocorrências do pronome *que*, em relação aos outros pronomes e que seu funcionamento está experienciando um processo de gramaticalização.

Na relativa padrão, o pronome relativo, além de conectar as orações, assume um papel sintático comum a itens lexicais, tanto que substitui sintagmas nominais; nas estratégias não-padrão, ele não assume a função sintática de SNs, mas organiza o discurso, de forma que retoma o tema da oração precedente e o projeta para a oração relativa.

Considerando essas constatações, entendemos que ainda é cedo para defender de maneira categórica o desaparecimento e a despronominalização dos relativos, já alardeada por diversos autores.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BASTOS, Wanderli Aparecido. *A relativização no português do Brasil: a sentença orientada para o discurso*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Araraquara: Universidade Estadual de São Paulo, 2008.
- BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BYBEE, Joan L. Cognitive processes in grammaticalization. In M. Thomasello (editor) *The New Psychology of Language, volume II*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Inc., 2002.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo. Contexto: 2010.
- HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene L. R. (orgs). *Projeto variação lingüística no estado da Paraíba (VALPB)*. João Pessoa: Idéia, 2001.
- KATO, Mary. A. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica, cap. 8, p. 223-261, in ROBERTS, I. e KATO, M. A. *Português brasileiro, uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. Unidirecionalidade na gramaticalização. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli. (orgs.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- NEVES, Maria Helena Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Gramaticalização: uma entrevista com Elizabeth Closs Traugott. *ReVEL*, vol. 12, n. 22, 2014. Traduzido por Gabriel de Ávila Othero e Ana Carolina Spinelli. [www.revel.inf.br].